

A relação entre o Brasil e Cuba vai além de turismo e Mais Médicos

Escrito por Indicado en la materia

Jueves, 27 de Marzo de 2014 08:58 - Actualizado Viernes, 28 de Marzo de 2014 01:02

A relação [Brasil-Cuba](#) vai muito além da “exportação” de 16.000 turistas brasileiros ao ano e a “importação” de 7.300 cubanos para o programa Mais Médicos. Os negócios entre os dois países se intensificaram um pouco depois do fim da ditadura militar brasileira, que era contrária ao comunismo que impera na ilha.



Os dados do Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio mostram que, em 1989, a balança comercial era de 76,6 milhões de dólares (177 milhões de reais) de exportações brasileiras e a importação de 31,9 milhões de dólares. Ano após ano houve um aumento gradual, que acabou sendo impulsionado no governo [Lula](#) (2003-2010) e mantidos na gestão de sua sucessora e aliada, [Dilma](#)

[Rousseff](#)

, o que demonstra um caráter político que incentivou esses negócios.

Em 2013, por exemplo, as empresas brasileiras venderam 528,1 milhões de dólares para Cuba e importaram 96,6 milhões de dólares. Ou seja, multiplicou por sete as exportações e por três as importações. Os principais produtos exportados no ano passado foram arroz, leite, óleo de soja, miúdos de frango e sabão. Os importados são medicamentos, vacinas e charutos.

Atualmente, o Brasil é o segundo maior exportador para Cuba, caso se exclua a venda de petróleo feita pela Venezuela. A China está em primeiro lugar nesse ranking e o Canadá, em terceiro. Algumas das empresas brasileiras que atuam na ilha são, a Souza Cruz (fumo), a Surimpex, a JBS e a Brasil Foods (alimentos). Outras já estão de olho nesse mercado e, recentemente, participaram de expedições promovidas pelo governo Rousseff. Entre elas estão, Bauducco, Asa Alimentos, Globoaves e Vilheto e Cosil, do ramo de alimentação; a TendTudo, do setor de construção; Oberthur, fabricante de equipamentos de informática e e Eletroflex, que fabrica peças de caminhões e tratores.

Porto da discórdia

Neste ano, além de celebrar o aumento dos negócios, os dois países comemoraram a inauguração do [porto de Mariel](#), financiado com recursos públicos brasileiros por meio do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Dos 957 milhões de dólares gastos na obra, 682 milhões vieram do BNDES. Um exemplo da presença do Brasil na ilha governada há 55 anos pelos irmãos Castro, Fidel e Raul, é a empreiteira Odebrecht, que ergueu o porto.

Os críticos do governo petista dizem que é uma vergonha para o Brasil financiar um porto no exterior e não conseguir finalizar a construção de um em seu próprio país, o de Porto Luís, no Piauí (Nordeste). Já quem defende a obra, diz que o porto é uma entrada mais fácil para o mercado norte-americano o que poderia baratear os custos na exportação para os ianques.

Após receber essas dezenas de críticas por financiar uma obra na comunista Cuba, a presidenta Dilma concedeu uma série de entrevistas dizendo que não se trata apenas de apoiar um governo aliado, mas também de abrir portas para as empresas atuarem na ilha. Segundo ela, cerca de 400 empresas são financiadas por seu governo para atuarem em solo cubano. Para se ter uma ideia da importância dos negócios com Cuba, desde 2011, a Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex), abriu um escritório em Havana e esse é o seu principal centro de representação em todo o Caribe.

Fonte EL PAIS; ESPANHA